

Pele de Burro (por Charles Perrault)

Texto

Era uma vez um rei, o maior sobre a Terra, amável na paz e terrível na guerra, incomparável senão consigo mesmo. Os vizinhos temiam-no, os seus estados estavam calmos e por todas as partes via-se florir, à sombra das suas palmas, as virtudes e as belas-artes.

A sua amável metade, companheira fiel, era tão formosa e bela, dotada dum espírito tão aquiescente e doce, que com ela ele era ainda menos feliz rei que feliz esposo. Do seu terno e casto himeneu cheio de doçura e concórdia havia nascido uma filha com tantas virtudes que ele facilmente se consolava de não ter mais ampla linhagem.

No seu vasto e rico palácio tudo era magnífico, em todo o lado formigava uma grande abundância de cortesãos e valetes; havia nas suas cavaliças cavalos grandes e pequenos de todas as maneiras, cobertos de belas capas duras de ouro e de bordados. Mas o que surpreendia toda a gente ao entrar era que no lugar mais em vista um mestre burro exhibia as suas grandes orelhas. Esta injustiça surpreende-vos, mas quando souberdes das suas virtudes sem igual, não achareis que a honra fosse demasiado grande.

A natureza formou-o de tal modo que nunca fazia porcaria, mas antes belos escudos ao sol e luíses de todas as maneiras, que todas as manhãs lhe iam recolher à loura liteira.

Ora o Céu — que por vezes se cansa de fazer os homens contentes, que sempre junta às suas graças alguma desgraça, tal como a chuva ao bom tempo — permitiu que uma áspera doença subitamente atacasse os dias radiosos da rainha. Em todo o lado se busca socorro, mas nem a Faculdade de Medicina nem os charlatães na moda puderam, todos juntos, fazer estacar o incêndio que a febre acendia à medida que aumentava.

Chegada à sua última hora, diz ela ao rei seu esposo: «Aceite por favor que antes que morra eu exija algo de si; se algum dia viesse a ter vontade de casar de novo quando eu já não estiver cá...». «Ah», disse o rei, «esses cuidados são supérfluos, nunca na minha vida em tal pensarei, esteja descansada quanto a isso». «Acredito bem, a julgar pelo seu amor veemente; mas, para ter a certeza, quero a sua promessa,

mitigada no entanto por este tempero: se alguma vez encontrar uma mulher mais bem feita e mais sagaz que eu, pode francamente dar-lhe a sua fé e casar-se com ela». A confiança da rainha nos seus charmes faziam-na encarar tal promessa como uma jura, obtida com habilidade, de não casar-se mais. O príncipe jurou pois, com os olhos marejados de lágrimas, tudo o que a rainha quis. A rainha morreu entre os seus braços e jamais um marido fez tanto pranto. Ao ouvi-lo soluçar noite e dia, julgou-se que o seu luto não duraria muito e que ele chorava os seus defuntos amores como um homem apressado que quer despachar o assunto.

Não se enganavam. Ao fim de alguns meses ele quis começar a fazer uma nova escolha; mas a escolha não era fácil, era preciso ser fiel à promessa e que, portanto, a nova noiva fosse mais atraente e cheia de qualidades que a que acabava de ser metida no monumento. Nem a corte fértil em belezas, nem o campo, nem a cidade, nem os reinos em redor aonde se foi procurar puderam fornecer uma tal mulher. Só a infanta era mais bela e possuía ainda ternos atractivos de que a defunta carecia. O próprio rei disto se deu conta e, ardendo dum amor extremo, concluiu loucamente que por tal razão devia desposá-la. Encontrou mesmo um casuísta que julgou que o caso era apresentável. Mas a jovem princesa, triste de ouvir falar de tal amor, lamentava-se e chorava noite e dia.

Com a alma cheia de mil desgostos, ela foi ao encontro da madrinha, longe numa gruta remota ricamente estofada de madreperla e de coral. Era uma admirável fada que na sua arte não tinha comparação. Não será preciso dizer-vos o que era uma fada nesses felizes tempos, pois tenho a certeza de que a vossa ama vo-lo terá dito desde os vossos verdes anos.

«Sei», disse ela ao ver a princesa, «o que vos traz aqui. Sei do vosso coração a profunda tristeza, mas comigo não precisais de vos preocupar mais. Nada poderá prejudicar-vos desde que vos deixeis conduzir. O vosso pai queria desposar-vos, é verdade. Escutar o seu louco pedido seria um erro bem grande, mas é possível recusá-lo sem o contradizer. Dizei-lhe que é preciso que ele vos dê, para contentar os vossos desejos e antes que o vosso coração se abandone ao seu amor, um vestido que seja da cor do Tempo. Pese embora todo o seu poder e toda a sua riqueza e mesmo se o Céu em tudo favorece os seus desígnios, ele nunca poderá realizar essa promessa».

Logo a jovem princesa foi trémula dizê-lo ao seu pai apaixonado; o qual imediatamente fez ouvir aos alfaiates mais importantes que se não lhe fizessem, sem demasiada delonga, um vestido da cor do Tempo seriam enforcados.

Ainda o segundo dia não luzia e já lhe traziam o vestido desejado; o mais belo azul do empíreo, não é verdade, quando este está rodeado de grandes nuvens de ouro, duma cor mais diáfana. A infanta, penetrada de alegria e de tristeza, não sabe o que dizer ou como fugir ao seu compromisso. Então diz-lhe a madrasta baixinho: «princesa, peça-lhe um que, mais brilhante e menos comum, seja da cor da lua. Ele não lho dará». Mal a princesa tinha feito o seu pedido, disse o rei ao seu bordador: «Que o astro da noite não tenha mais esplendor e que dentro de quatro dias, sem falta, mo dêem».

O rico vestido foi feito na data marcada, tal como o rei o havia especificado. Nos céus onde a noite desdobrou os seus véus, a própria lua é menos pomposa no seu vestido de prata, mesmo quando em seu máximo brilho, no meio do seu ciclo recorrente, faz empalidecer as estrelas.

A princesa, admirando este vestido, estava prestes pronta a consentir; mas, inspirada pela madrinha, disse ao príncipe apaixonado: «Só estarei contente quando tiver um vestido ainda mais brilhante e que seja da cor do sol». O príncipe, que a amava dum amor ímpar, mandou vir imediatamente um rico lapidador e encomendou-lhe que a fizesse dum soberbo tecido de ouro e de diamantes, dizendo-lhe que se ele não o satisfizesse convenientemente fá-lo-ia morrer no meio dos tormentos. O príncipe não teve que ter esse trabalho porque o obreiro industrioso mandou trazer a obra preciosa ainda antes de a semana terminar. Esta era tão bela, viva e radiosa que o próprio louro amante de Climena, quando se passeia no arco dos Céus no seu carro de ouro, não encandeia os olhos com mais intenso brilho.

A infanta, confundida com estes dons, não sabe mais o que responder ao seu pai e rei. Imediatamente, a madrinha toma-a pela mão e diz-lhe ao ouvido: «Não há que ficar a meio caminho. Serão todos estes presentes que vós recebeis uma assim tão grande maravilha enquanto ele tiver o burro que sabemos a encher-lhe incessantemente a bolsa com escudos de ouro? Pedi-lhe a pele desse raro animal; sendo este a fonte de todos os seus recursos, ou muito me engano ou não a obtereis».

Sendo embora esta fada muito sábia, ela ignorava ainda que o amor violento pouco liga à prata e ao ouro desde que possa satisfazer-se. Galantemente, a pele foi concedida mal foi pedida.

A infanta assustou-se terrivelmente quando lhe trouxeram a pele e queixou-se amargamente da sua sorte. Apareceu-lhe a madrinha, que lhe explicou que quando se faz o bem nada se deve rezear. Impõe-se deixar crer ao rei que ela está totalmente

disposta a sujeitar-se com ele à lei conjugal; mas ao mesmo tempo ela deverá partir, sozinha e bem disfarçada, para algum estado longínquo a fim de evitar um mal tão próximo e certo.

«Eis», prosseguiu ela», uma arca onde vamos meter todos os vossos vestidos, o vosso espelho e produtos de beleza, assim como os vossos diamantes e rubis. Dou-vos ainda a minha varinha; se a levardes na mão, a arca seguirá o vosso caminho escondida sob a terra. E se a quiserdes abrir, mal a varinha tenha tocado a terra, a arca abrir-se-á perante os vossos olhos. Para vos tornar irreconhecível, a pele do burro é uma máscara admirável. Escondei-vos bem sob a pele, que ninguém acreditará — sendo tão feia — poder esconder algo de belo». Mal a princesa saía assim travestida da morada da sagaz fada, na frescura da manhã, já o príncipe, que se apronta para a festa do feliz casamento, vem a saber do seu funesto destino. Não há casa, caminho ou avenida que não se pesquise prontamente, mas é em vão tanta agitação, dado ninguém adivinhar o que foi feito dela.

Espalhou-se em todo o lado um triste e negro desgosto; afinal não há bodas, não há festa, não há tarte nem drageias. Desencorajadas, a maioria das damas da corte nem jantaram; mas foi sobretudo o padre que ficou triste por almoçar tarde e não ter afinal tido oferendas.

Entretanto a infanta seguia o seu caminho com a cara coberta de ignominiosa gordura. A todos os viandantes ela estendia a mão e tentava arranjar um lugar para servir, mas os menos delicados e os mais infelizes, vendo-a com tão mau aspecto e tão nojenta, não queriam escutar nem recolher em casa uma tão suja criatura.

Ela foi pois bem longe, muito longe, ainda mais longe. Enfim, sucedeu que numa quinta a dona da casa precisava duma serviçal que lavasse trapos sujos e a pocilga dos porcos. Instalaram-na num canto ao fundo da cozinha onde os criados, insolente escumalha, não faziam senão picá-la, contradizê-la e ralhar com ela. Já não sabiam mais que partida pregar-lhe, perseguiam-na sob todos os pretextos e ela era o alvo quotidiano de todas as suas graças e chistes.

Aos domingos ela tinha um pouco mais de descanso. Havendo cumprido as suas tarefas de manhã, entrava no quarto e, atrás da porta fechada, desencordia-se, abria a arca e ordenava os produtos de beleza. Perante o seu grande espelho, contente e satisfeita, punha ora o vestido de lua, ora aquele no qual brilhava o fogo do sol, ora o belo vestido azul que todo o diáfano céu não conseguia igualar. Ficando triste apenas por a cauda dos vestidos não poder desenrolar-se no chão demasiado acanhado, ela

gostava de se ver assim jovem, vermelha e branca, cem vezes mais valente que qualquer outra; tal doce prazer sustinha-a e permitia-lhe chegar ao domingo seguinte.

Quase me esquecia de dizer que nesta rica quinta se fazia criação de aves para um rei magnífico e poderoso. Aqui havia galinhas da Índia, galinhas de Água, galinhas de Angola, alcatrazes, patos da Guiné e mil outros pássaros de bizarras maneiras, quase todos diferentes entre si, enchiam à vontade dez quintais inteiros. O filho do rei vinha frequentemente repousar-se a este lugar aprazível com os senhores da corte, aqui bebendo água gelada, quando voltavam da caça. O seu ar era Real, a sua expressão marcial e propícia a fazer estremecer os mais orgulhosos batalhões. Pele de Burro viu-o de bem longe com ternura e reconheceu, por esta ousadia, que sob a sua sujidade e andrajos batia ainda um coração de princesa.

«Como ele tem um aspecto grandioso, tendo-o embora descurado, e como é amável», dizia ela, «e que bem-aventurada será a bela a quem o seu coração esteja prometido! Eu estaria mais bem vestida com um vestido de nada, com o qual ele me tivesse honrado, do que com todos aqueles que possuo».

Um dia o príncipe, errando sem destino de pátio em pátio na quinta, passou numa álea obscura onde ficava a humilde morada de Pele de Burro. Por acaso pôs um olho no buraco da fechadura. Sendo dia de festa, ela tinha-se arranjado ricamente e posto as soberbas roupas, tecidas de ouro fino e grandes diamantes, que rivalizavam com o sol na mais pura claridade.

O príncipe contempla-a com vagar e aquilo que vê dá-lhe tanto prazer que quase não consegue retomar o fôlego. Independentemente dos vestidos, a beleza da cara, o seu belo perfil, a sua alva brancura, os seus traços finos, a sua frescura juvenil tocam-na cem vezes. Mas um certo ar de grandeza, mais ainda um pudor modesto e ajuizado — seguros testemunhos das belezas da sua alma — apoderaram-se de todo o seu coração.

No calor do fogo que agora o transporta, ele esteve três vezes para derrubar a porta; mas, crendo ver uma divindade, por três vezes o seu braço se deteve.

Ele retira-se ao palácio, pensativo; lá suspira noite e dia. Não quer mais ir ao baile, embora se esteja no Carnaval. Detesta a caça, detesta a comédia, já não tem apetite e tudo lhe faz mal ao coração, sendo o fundo da sua doença uma triste e mortal languidez.

Inquire sobre quem era essa ninfa admirável que vivia num pátio ao fundo duma álea tenebrosa onde nada se vislumbra em pleno dia. É, dizem-lhe, Pele de Burro, a

qual nada tem de ninfa nem de bela e a quem chamam Pele de Burro por causa da pele que traz sobre o pescoço; ela é remédio eficaz para o amor, dado ser em suma o animal mais feio que se possa ver a seguir ao lobo. Podem falar, ele não acredita; os traços que o amor inscreveu, ainda presentes na sua memória, não serão dela apagados.

Entretanto a rainha sua mãe, de quem ele é filho único, chora e desespera enquanto tenta em vão que ele declare a causa do seu mal. Ele geme, chora e suspira; nada diz, a não ser que quer que Pele de Burro lhe faça um bolo com as próprias mãos. A mãe não sabe o que quer o filho dizer. «Céus! Minha Senhora», dizem-lhe, «essa Pele de Burro é uma negra toupeira, ainda mais feia e repelente que a mais suja servente». «E no entanto é preciso fazer-lha a vontade», disse a rainha, «e é nisso apenas que devemos todos pensar». A mãe amava-o tanto que lhe teria dado ouro para comer se ele quisesse.

Portanto Pele de Burro pega na farinha, que tinha feito peneirar de propósito para obter uma massa mais fina, assim como em sal, manteiga e ovos frescos e, para fazer bem o seu bolo, fecha-se no quarto. Primeiro limpa as mãos, braços e cara e põe um avental de prata, depois deita mãos à obra. Diz-se que por trabalhar à pressa lhe caiu na massa um dos seus anéis de grande valor; mas aqueles que supostamente conhecem bem esta história asseguram que ela pôs lá o anel de propósito.

Francamente, tal eu ousaria crer, estando seguro de que ela se dera conta quando o príncipe havia abordado a sua porta e a olhara pelo buraco da fechadura. Neste ponto a mulher é tão viva, o seu olhar tão certo, que não se pode observá-la um só momento sem que ela saiba que a vimos. Tenho também a certeza — e poderia jurá-lo — de que ela não teve dúvida nenhuma de que o seu anel seria bem recebido pelo seu jovem amante.

Jamais ninguém amassou um tão apetitoso pitéu. O príncipe achou-o tão bom que foi por pouco, tal era a sua fome gulosa, que não engoliu também o anel. Quando viu a esmeralda admirável do mesmo, assim como o estreito círculo de ouro que marcava a forma do dedo, o seu coração foi acometido duma alegria incrível e pô-lo instantaneamente sob a almofada. Dado o seu mal aumentar, os sagazes médicos cheios de experiência, vendo-o emaciado de dia para dia, julgaram todos pela sua grande ciência que ele estava doente de amor. Como o casamento (por mais mal que dele se diga) é um remédio de escolha para tal doença, decidiu-se casá-lo. Primeiro ele fez-se rogado, mas depois disse: «Estou de acordo, desde que me dêem em

casamento a pessoa a quem este anel sirva». Foi grande a surpresa do rei e da rainha perante este pedido bizarro, mas ele estava tão mal que não ousaram dizer não.

E assim começou a busca daquela a quem o anel deverá conferir, independentemente do sangue, uma tão alta posição. Não há quem não queira vir apresentar o dedo, nem quem queira ceder o seu direito a tal.

Tendo corrido o barulho de que para pretender ao príncipe há que ter o dedo delgado, qualquer charlatão que queira ser bem recebido dirá agora que tem o segredo de tornar dedos finos. Uma tal, seguindo um capricho bizarro, raspa o dedo como se fosse um rábano; outra corta ao seu um pedaço; outra aperta-o, crendo assim diminuí-lo; outra ainda, usando uma certa água para o apequenar, faz cair-lhe a pele. Enfim, não há nada a que as damas não recorram para fazerem o seu dedo ajustar-se ao anel.

O teste foi inaugurado pelas jovens princesas, marquesas e duquesas; mas os seus dedos, embora delicados, eram demasiado grossos e não entravam. Também as condessas, as baronesas e demais pessoas nobres apresentaram a mão, debalde.

Em seguida vieram as jovens de baixa extracção, cujos belos e pequenos dedos (porque há-as muito bem feitas) pareceram por vezes ajustarem-se ao anel. Mas este, sempre demasiado pequeno ou demasiado redondo, todas recusava com um desdém quase igual.

Foi preciso chegar, enfim, às criadas, cozinheiras, servas rústicas e guardadoras de perus — numa palavra, a todo o rebotalho, cujas patas vermelhas e pretas esperavam, não menos que as mãos delicadas, um destino feliz. Apresentaram-se muitas moças cujo dedo, grande e compacto, teria tão dificilmente passado no anel do príncipe como um cabo através duma agulha. Finalmente pensou-se ter concluído, já que faltava apenas a pobre Pele de Burro lá no fundo da cozinha; mas como crer, dizia-se, que o Céu a destinasse a reinar! O príncipe disse: «E porque não? Façam-na vir». Todos desataram a rir, gritando: «O que é isto de fazer entrar aqui essa macaca suja!» Mas quando ela tirou de debaixo da pele negra uma mãozinha que parecia de marfim levemente tingido de púrpura, e o seu dedinho foi envolto à justa pelo anel fatal, a corte caiu numa surpresa insondável.

Levaram-na imediatamente ao rei, mas ela pediu que antes de aparecer perante o seu amo e senhor lhe dessem tempo de pôr um outro vestido. Em boa verdade, todos se preparavam para rir desse vestido. Mas quando ela voltou e atravessou as salas com a sua roupa sumptuosa, cujas ricas belezas nunca haviam sido igualadas, então os seus charmes e graça divina ressaltaram dos seus amáveis cabelos louros, em que se

misturavam diamantes, que faiscavam luz; dos seus olhos azuis — grandes, doces, longos e cheios de orgulhosa Majestade — que não olhavam nunca sem agradar e sem ferir; e, enfim, a sua cintura, tão delgada e fina que poderia ser abraçada por duas mãos. Por comparação, empalideceram os encantos das damas da corte e dos seus ornamentos.

Rodeado pela alegria e barulho de toda a assembleia, o bom rei estava fora de si ao descobrir na sua nora tantos atractivos; a rainha estava entontecida; e o príncipe, seu querido amante, com a alma preenchida de mil prazeres, sucumbia sob o peso do seu êxtase. Imediatamente cada um tomou as medidas necessárias ao casamento. O rei convidou todos os reis da vizinhança, os quais, diversamente ornados com paramentos brilhantes, deixaram os seus estados para estarem presentes nesse grande dia. Alguns chegaram dos climas da aurora, montados sobre grandes elefantes; outros, vindos da costa mourisca — sendo ainda mais pretos e feios — faziam medo às crianças. Enfim, chegam de todos os cantos do mundo e abundam na corte.

Mas nenhum príncipe, nenhum Potentado aí apareceu com tanto brilho como o pai da noiva. Outrora apaixonado por ela, o tempo havia purificado os fogos que haviam abrasado a sua alma. Havia já banido qualquer desejo criminoso e o pouco que restava na sua alma dessa odiosa chama só tornava mais vivo o seu amor paternal. Desde que ele a viu: «Bendito seja o Céu que permite que eu te reveja, minha querida filha», disse ele, chorando de alegria e correndo a beijá-la ternamente. Todos se interessaram por esta sua felicidade e o futuro esposo ficou muito contente em saber que se tornava o genro dum rei tão poderoso. Nesse momento chegou a madrinha, que contou toda a história e assim acabou de elevar Pele de Burro à glória.

Não custa ver que o objectivo deste conto é ensinar à criança que mais vale expor-se às maiores provações do que faltar ao seu dever; que a virtude pode ser árdua mas acaba sempre por prevalecer; que contra um louco amor e os seus fogosos acessos mesmo a mais forte razão é um fraco dique, não havendo tesouros tão ricos que um amante não seja deles pródigo; que água fresca e pão escuro chegam para alimentar uma jovem criatura desde que esta tenha belos vestidos; que não há fêmea sob o céu que não pense ser bela e que não imagine ainda por vezes que se a famosa rivalidade das três beldades se tivesse passado consigo, a maçã de ouro teria sido sua.

O conto de Pele de Burro é difícil de crer, mas a sua memória permanecerá enquanto houver no mundo crianças, mães e avós.¹

¹ Traduzido do original francês publicado pela primeira vez em *Grisélidis, Nouvelle avec le conte de Peau d'Ane et celui de Souhairs ridicules* (Paris, 1694).